



Coleção
Literatura

Iluminuras Artur Rimbaud

DEPOIS DO DILÚVIO

Assim que a idéia do Dilúvio sossegou,
Uma lebre se deteve entre trevos e campânulas cambiantes, e
fez sua prece ao arco-íris, através da teia de aranha.

Oh! as pedras preciosas que se escondiam, — e as flores que
já olhavam.

Na grande rua suja açougues se abriram, e barcos foram
lançados nos degraus do mar lá no alto como nas gravuras.
O sangue correu, no Barba-Azul, — nos matadouros, — nos
circos, onde o selo de Deus empalidecia as janelas. O sangue
e o leite correram.

Castores construíram. “Mazagrans” enfumaçaram os botecos.
Na imensa mansão de vidros ainda gotejantes, meninos de luto
admiram imagens maravilhosas.

Uma porta bateu, — e sobre a praça da vila, o menino girou os
braços, compreendidos os cata-ventos e galos dos
campanários de toda parte, sob um temporal cintilante.

Madame *** instalou um piano nos Alpes. A missa e as
primeiras comunhões foram celebradas nos cem mil altares da
catedral.

As caravanas partiram. E o Splendide-Hotel foi erguido no caos
de gelo e da noite polar.

Desde então, a Lua ouviu o uivo dos chacais nos desertos de
timo, — e écoglas de tamancos grunhindo no pomar. Depois,
na floresta violeta, florescente, Éucarís me disse que era a
primavera.

— Lago, salte, — Espuma, role sobre aponte e por cima
desses bosques; — panos negros e órgãos, — trovão e raio, —
subam e rolem; — águas e tristeza, subam e renovem esses
Dilúvios.

Pois desde que dissiparam, — Oh as pedras preciosas se enterrando, e as flores se abrindo! — tudo é um tédio! E a Rainha, a Feiticeira que acende sua brasa num pote de barro, não vai querer jamais nos contar tudo o que sabe, e que nós ignoramos.

INFÂNCIA

I

Este ídolo, de olhos negros e crina amarela, sem pais nem corte, mais nobre do que fábulas, mexicanas e flamengas; seu domínio, arrogância verdeazul, se espria por praias batizadas, por ondas sem navios, com ferozes nomes gregos, celtas, eslavos. Nos confins da floresta — flores de sonho tilintam, explodem, resplendem, — menino de lábios laranja, cruzando as pernas no dilúvio branco que brota dos prados, sua nudez em sombra, de viés, vestida de arco-íris, mar, e flora. Damas que giram nos terraços à beira-mar; infantas e gigantes, negras e soberbas no musgo verdegris, jóias eretas no solo fértil dos bosquezinhos e jardinzinhos em degelo — mães jovens e irmãs mais velhas, cheias de olhares peregrinos, sultanas, princesas de trajes e passos tirânicos, estrangeirinhas e pessoas docemente infelizes. Que tédio, a hora do “que corpo” e do “meu bem”.

II

É ela, a pequena morta, atrás das roseiras. — A jovem mãe já falecida desce a sacada. — A carruagem do primo grita sobre o — O irmãozinho está (lá na Índia!) diante do poente, num campo de cravos.— Os velhos foram sepultados em pé na

muralha de alélises.

O enxame de folhas douradas rodeia a mansão do general.

Eles estão no Sul.

— Segue-se a rua vermelha até chegar ao albergue vazio, O castelo está a venda, as persianas estão caindo. — O padre deve ter levado a chave da igreja.

— Ao redor do parque, as casas dos vigias estão vazias.

As paliçadas são tão altas que só se vê os cimos sussurrando. Além disso, não há nada lá dentro para ser visto.

prados remontam às vilas sem galos, sem bigornas. A represa está aberta. Ó os Calvários e os moinhos do deserto, as ilhas e as moendas.

Flores mágicas zumbiam. As colinas o ninaram. Bichos circulavam sobre o alto mar feito eternas lágrimas quentes.

III

Nos bosques tem um pássaro, você pára e cora com seu coro.

Tem um relógio que não toca nunca.

Tem uma brecha no gelo com um ninho de bichos brancos.

Tem uma catedral que sobe e um lago que desce.

Tem uma pequena carruagem abandonada na moita, ou que passa correndo, decorada.

Tem uma trupe em trajes de comédia, espiada pela trilha da floresta.

E então, quando você tem fome e sede, tem sempre alguém que te manda passear.

IV

Eu sou o santo, rezando no terraço, — como os animais pacíficos pastando junto ao mar da Palestina.

Eu sou o sábio na poltrona sombria. Os galhos e a chuva se jogam contra a vidraça da biblioteca.

Eu sou o andarilho da grande estrada entre os bosque anões; o rumor das represas cobre meus passos. Me demoro vendo a triste fuligem dourada do pôr-do-sol.

Eu bem podia ser a criança abandonada no cais de partida pro alto mar, o caipira rodando as alamedas, sua cabeça roçando o céu.

Os caminhos são ásperos. Montesinhos se enchem de giestas. O ar está parado. Que longe os pássaros e as fontes! Isso só pode ser o fim do mundo, avançando.

V

Que me aluguem enfim este túmulo caiado, com linhas de cimento em relevo — bem fundo na terra.

Cotovelos na mesa, a lâmpada ilumina muito bem esses jornais que releio de idiota, esses livros sem interesse. —

A uma distância enorme acima da minha sala subterrânea, casas se enraízam, brumas se reúnem. A lama é vermelha ou negra. Cidade monstro, noite sem fim!

Menos alto, os esgotos. Dos lados, apenas espessura do globo. Talvez abismos de azul, poços de fogo. São talvez nestes níveis que luas e cometas, fábulas e mares, se encontrem.

Nas horas amargas, imagino bolas de safira, de metal. Eu sou o mestre do silêncio. Por que uma aparência de respiradouro desbotaria num canto da abóbada?